

RESUMO - COM COMUNICAÇÃO ONLINE - GT 03: EPISTEMOLOGIAS
TRANSFORMADORAS E JUSTAS: GÊNERO E DIVERSIDADE

**NARRATIVAS INFANTIS, CULTURA E MISOGINIA: PERMANÊNCIAS E
TRANSFORMAÇÕES NAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO**

Bárbara Mattarelli Carli Santos (barbara1psicologia@gmail.com)

Jailson Salvador (jailsonlobrate@gmail.com)

Bárbara Mattarelli Carli Santos (barbaracarli88@gmail.com)

Muitas narrativas destinadas à infância, como os contos de fadas, possuem raízes históricas profundas e atravessam gerações, fronteiras e transformações tecnológicas, mantendo-se presentes na memória cultural. Embora sejam continuamente adaptadas a novos contextos e formatos, essas obras preservam elementos que influenciam a construção de valores, conduta e representações sociais de gênero.

Este trabalho, derivado de uma dissertação de mestrado em Psicologia realizada na Università degli Studi di Trento, na Itália, tem como objetivo refletir sobre as relações entre cultura, infância e misoginia. Busca-se, sobretudo, compreender o papel das narrativas infantis na construção de representações de gênero. Trata-se de uma pesquisa teórica, de caráter qualitativo, fundamentada em revisão bibliográfica interdisciplinar. A discussão articula contribuições da Psicologia, dos estudos culturais e das pesquisas sobre gênero, infância e storytelling.

Compreende-se a infância como um período fundamental da formação humana. Nessa etapa, a observação de comportamentos, a interação com o

ambiente sociocultural e o contato com representações simbólicas participam da formação de identidades e expectativas sociais. Nesse processo, as histórias infantis não atuam apenas como entretenimento. Elas também exercem uma função pedagógica, transmitindo concepções sobre comportamento, beleza, afetividade e papéis socialmente atribuídos a homens e mulheres.

Ao longo da história, discursos religiosos, científicos e sociais contribuíram para legitimar hierarquias de gênero. Frequentemente, essas desigualdades foram apresentadas como naturais ou moralmente justificáveis. Quando incorporadas às narrativas destinadas às crianças, tais representações favorecem a normalização de modelos de feminilidade associados à submissão e à dependência. Desse modo, colaboram para a reprodução simbólica da misoginia desde os primeiros anos de vida.

A permanência dessas narrativas na literatura, no cinema e nas demais mídias torna relevante examinar criticamente suas continuidades e transformações. Nas últimas décadas, mudanças sociais e reivindicações feministas têm contribuído para o surgimento de personagens femininas mais autônomas e complexas, que passaram a ocupar o protagonismo de suas próprias histórias. Embora significativas, tais mudanças não eliminam a necessidade de questionar estereótipos persistentes e desigualdades culturalmente enraizadas.

Em diálogo com o GT 03 “Epistemologias Transformadoras e Justas: Gênero e Diversidade”, o estudo busca compreender as narrativas infantis como espaços de aprendizagem simbólica. Essas produções podem tanto reforçar hierarquias quanto valorizar diferentes formas de existir. Por isso, sua análise crítica é importante para compreender como as crianças aprendem sobre gênero. Essa reflexão abre caminhos para a construção de relações mais igualitárias e de representações mais plurais e inclusivas desde a infância.

Palavras-chave: infância; cultura; gênero; misoginia; narrativas midiáticas.